

CONIC SEMESP

15º Congresso Nacional de Iniciação Científica

TÍTULO: NOVAS INTERPRETAÇÕES DA HISTÓRIA INDÍGENA NO TRIÂNGULO MINEIRO, NORTE DE SÃO PAULO E SUL DE GOIÁS

CATEGORIA: EM ANDAMENTO

ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

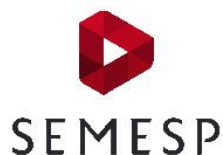
SUBÁREA: HISTÓRIA

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

AUTOR(ES): GABRIEL ZISSI PERES ASNIS

ORIENTADOR(ES): MARCEL MANO

Realização:



Apoio:



RESUMO

O presente trabalho apresenta parte de dados de uma pesquisa que pretende conjugar interesses da Antropologia e da História na tentativa de discutir as ocupações indígenas na região do Triângulo Mineiro, norte de São Paulo e sul de Goiás durante o período pré-colonial e o início do histórico. Com base numa série de materiais arqueológicos, documentais e bibliográficos disponíveis pretende-se mapear os grupos indígenas que aqui viviam; como se deu o contato entre esses índios e as frentes coloniais no século XVIII; e quais os destinos históricos desses povos após o contato.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, os trabalhos que se ocuparam da participação dos índios na história da região em foco apontaram duas imagens: a dos cruéis e bárbaros, e a dos coitados e indefesos. Como se sabe hoje, ambas são “alegorias da colonização”, e embora já exista uma pequena bibliografia que procura mostrar os índios dessa região como sujeitos históricos, ainda são muito grandes as lacunas sobre a história dos mesmos nesse amplo território. A documentação menciona sobejamente os “Cayapó”, mas essa parece ser, na verdade, uma exonímia genérica aplicada a uma variedade de povos que queremos mapear. Para isso, o desenvolvimento do plano se apoia no mencionado diálogo entre História e Antropologia, pois trata de interpretar a história a partir da perspectiva da alteridade.

OBJETIVOS

O objetivo geral do trabalho é o estudo e análise de uma documentação histórica, arqueológica e etnográfica sobre a região do Triângulo Mineiro, norte de São Paulo e sul de Goiás, com vistas ao mapeamento dos processos de povoamento indígena no período pré-colonial e início do histórico; bem como o estudo das modalidades de contato entre os índios e as frentes coloniais, e os destinos históricos desses povos indígenas.

METODOLOGIA

A metodologia do trabalho se baseia em procedimentos tomados de empréstimo da História e da Antropologia, complementada com a Etnologia e a Arqueologia. O

material básico de pesquisa está sendo tanto os documentos históricos dos séculos XVIII e XIX, como as referências bibliográficas e estudos de campo em sítios arqueológicos da região, e bibliografias etnográficas sobre os povos indígenas. Por isso, as informações documentais (material da História), lidas sobre o paradigma indiciário, são confrontadas com os vestígios materiais das ocupações humanas (objeto da Arqueologia) e com o exercício de uma projeção etnográfica (Etnologia) que está permitindo pensar a história a partir da perspectiva da alteridade (objeto da Antropologia). Assim articuladas, cada uma dessas frentes complementa as outras e espera-se com isso construir um quadro mais abrangente das ocupações indígenas e os processos históricos vivenciados por essas populações.

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento do trabalho está sendo o de colocar em diálogo essas diferentes linhas de pesquisa, na intenção de traçar um mapa dos povos que aqui viviam antes da chegada das frentes coloniais. A partir do levantamento inicial dessas várias fontes, podemos diagnosticar as características adaptativas, tecnológicas e socioculturais de povos indígenas pertencentes a diferentes tradições culturais que está nos auxiliando na leitura dos documentos históricos, base do material que será trabalhado para entender as relações de contato mantidas, a partir do século XVIII, com as frentes coloniais. Os vestígios arqueológicos estão nos ajudando nessa leitura na medida em que reconhecemos que essa documentação histórica das mais diversas procedências publicadas ou inéditas, depositadas em arquivos e museus, são construções narrativas etnocêntricas sobre as quais se precisa fazer a devida crítica interna. Uma dessas críticas é quanto ao uso histórico do termo “Cayapó” nos diferentes documentos, o que leva a crer numa homogeneidade étnica e cultural que parece não ter existido. Em seu lugar, estamos trabalhando com a hipótese desse termo genérico ser na verdade aglutinador de uma série de grupos diferentes, porém todos filiados à tradição dos Jê meridionais, tema que está sendo explorado não apenas com o cotejamento das informações documentais com os vestígios arqueológicos, mas com as informações etnológicas sobre os povos mencionados.

RESULTADOS PRELIMINARES

Até agora foi possível, com base no estudo do material arqueológico, mapear essa região como encruzilhada de povos e culturas diferentes. Ao que tudo indica, desde o norte de São Paulo teríamos a presença de povos filiados à tradição ceramista tupi-guarani que, desde a bacia Paraná – Paraguai estavam se expandindo em direção norte – noroeste e que, nessa expansão, devem ter entrado em contato com populações ceramistas das tradições Uru e Aratu que se expandiam em direção contrária. Esses grupos ceramistas Aratu são, muito provavelmente, os ancestrais históricos dos grupos Jê meridionais (entre os quais os Cayapó) mencionados nas fontes documentais. Além disso, com base na análise de parte de uma documentação histórica, foi possível ainda diagnosticar a guerra como modelo relacional e simbólico do contato desses povos indígenas com as frentes coloniais que entram nesse território a partir da segunda década do século XVIII.

FONTES CONSULTADAS

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org) **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras/FAPESP, 1992.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais – morfologia e história**. Cia das Letras, 1989, p. 143-179.

GIRALDIN, Odair. “**Cayapó e Panara**”. Luta e sobrevivência de um povo. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Campinas, Janeiro de 1994.

GIRALDIN, Odair. Fazendo guerras, criando imagens, estabelecendo identidades. A ocupação do centro-oeste e os conflitos com os Kayapó no século XVIII. **História Revista**, 6 (1): 55-74, jan/junho.2001.

MANO, Marcel. Metáforas históricas e realidades etnográficas: A construção de uma história do contato Kayapó no Triângulo Mineiro. **Cadernos de Pesquisa CDHIS**, v.23, n.2, Uberlândia, jul/dez. 2010.